

**UMA OBRA LITERÁRIA ENTRE FRONTEIRAS:
PROCEDIMENTOS ESTRUTURAIS DE TRADUÇÃO NO LIVRO
'HERE THE WHOLE TIME', DE VITOR MARTINS**

**A LITERARY WORK BETWEEN BORDERS: STRUCTURAL
TRANSLATION PROCEDURES IN THE BOOK 'HERE THE
WHOLE TIME', BY VITOR MARTINS**

Antonio Carlos Santos da Silva Júnior 
Adelino Pereira dos Santos 
Alyxandra Gomes Nunes 

RESUMO

O trabalho de pesquisa que apresentamos parcialmente neste artigo teve por objetivo refletir sobre os procedimentos de tradução que mediaram a versão da obra literária *Quinze dias* (2017), do escritor brasileiro Vitor Martins, para a sua versão em língua inglesa, *Here the whole time* (Martins, 2020), um trabalho da tradutora também brasileira Larissa Helena. O escopo deste trabalho são procedimentos estruturais da tradução, a partir de fragmentos em comparação de ambas as versões do romance. Tendo como base um dispositivo teórico heterogêneo sobre processos de tradução, a análise nos permitiu perceber procedimentos variados, tais como transposição, simplificação, amplificação e transferência, todos, contudo, mediados por aspectos culturais que contextualizam os públicos-alvo a que os textos se destinam. Uma primeira versão mais ampla deste texto foi apresentada como trabalho de conclusão do curso de Letras: Língua Inglesa e Literaturas, de um dos autores deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução literária. Procedimentos de tradução. Romance brasileiro contemporâneo.

ABSTRACT

The research work that we partially present in this article aimed to reflect on the translation procedures that mediated the version of the literary work *Quinze dias* (2017), by Brazilian writer Vitor Martins, into its English version, *Here the whole time* (Martins, 2020), a work by Brazilian translator Larissa Helena. The scope of this work is structural translation procedures, based on comparison fragments of both versions of the novel. Based on a heterogeneous theoretical device on translation processes, the analysis allowed us to perceive varied procedures, such as transposition, simplification, amplification and transfer, all, however, mediated by cultural aspects that contextualize the target audiences for which the texts are intended. A first, broader version of this text was presented as a conclusion work for an English Language and Literature Graduation Course, by one of the authors of this article.

KEYWORDS: Literary translation. Translation procedures. Contemporary Brazilian novel.

INTRODUÇÃO

Here the whole time (2020) aborda temáticas de conflitos juvenis através de seus personagens principais, Felipe e Caio, dois jovens *gays* de 17 anos, em final de trajetória estudantil, que vivem diferentes situações de família e escolares, e que sofrem os preconceitos típicos de uma sociedade corpo-normativa. A trama se passa durante quinze dias, um dia correspondente a cada capítulo do livro, durante as férias de meio de ano daquelas personagens.

Trata-se de uma obra cuja trajetória envolve o livro em português, escrito pelo autor brasileiro Vitor Martins, sob o título de *Quinze dias* (2017), e que mais tarde foi trabalhado pela tradutora Larissa Helena, dando assim origem à obra em inglês mencionada inicialmente. Tal livro está posto como uma produção para o público jovem, mas aqui neste trabalho apresenta-se como corpus de nossa pesquisa, atrelado a contribuições teóricas sobre o processo de tradução, de diversos estudiosos, tais como Rosemary Arrojo (2007), Eugene Albert Nida e Charles Taber (1982), Geir Campos (1986), Francis Henrik Aubert (1993), Anthony Pym (2017) e Heloísa Gonçalves Barbosa (2020).

O que essa obra literária da contemporaneidade oferece é uma razoável gama de materiais para estudos analíticos sobre tradução, justamente pelo fato de ter se originado desse processo. Em meio a estudos e atuações profissionais, eventualmente ocorrem certas particularizações conceituais relacionadas a dois aspectos que, por vezes, são referidos como apenas um: traduzir ou verter um texto.

Assim, é conferido um caráter mais específico para a dada ação em andamento. Estas visões apresentam-se, sobretudo, como estando relacionadas ao ponto inicial do objeto trabalhado e, em essência, essas distinções residem na natureza do direcionamento, podendo, ocasionalmente, serem tratadas de modo nominal como traduzir ou verter um texto.

Para entender tais concepções é possível partir de uma simulação. Imaginemos um tradutor brasileiro que se encontra na atuação de um projeto. Se o material inicial é um escrito de língua estrangeira e o objetivo do tradutor é trazê-lo para a sua própria língua materna, trata-se de uma tradução. Cenário no qual o material produzido se direciona para um local linguístico onde o profissional possui domínio nativo.

Ademais, no que tange ao aspecto de conhecimento quanto à ambientação, levemos em conta que a língua existe e faz parte de uma cultura. Logo, nesse seu contexto de trabalho, por se tratar de um foco em seu local de origem, o tradutor terá a seu dispor um extenso conhecimento cultural, o que confere a ele uma maior segurança para gerar um objeto harmonioso ao público.

Já no sentido oposto, se o material-base consiste em um texto da língua nacional e o objetivo é gerar uma produção em outro idioma, trata-se de uma versão. Em casos assim é especialmente desafiadora a tarefa de produzir a naturalidade em escritos longos, com diversas expressões e claras referências. Justamente por essa razão que, sobretudo nesse cenário, torna-se de extrema importância que o tradutor possua um profundo conhecimento não apenas da língua, mas também da cultura alvo, buscando utilizar esse seu vasto conhecimento para criar um texto coeso e coerente para toda uma nova gama de pessoas.

Dado ao *corpus* adotado para o trabalho de pesquisa que relatamos parcialmente neste artigo – obra literária que possui origens nacionais e manuseio profissional brasileiro por parte da tradutora –, já é possível concluir que estamos prestes a contemplar um objeto vertido do português para o inglês. Isso, no entanto, não significa dizer que os preceitos aprendidos sobre o traduzir são descartados. Pelo contrário, pois se trata de um conhecimento que sai da estrutura do texto, enxerga o ambiente do objetivo de chegada e se utiliza desse reconhecimento para modelar o texto.

Esse caráter semelhante permite que, a partir desse momento, façamos uso de um artifício de generalização. Para tanto, neste artigo, o termo tradução será adotado de forma abrangente para abraçar ambas as perspectivas de trabalho – verter e traduzir. Além disso, buscando evitar confusões no entendimento, apontamos que, quando o termo versão for usado, estaremos nos referindo aos diferentes trabalhos em diferentes línguas, a exemplo das variantes em português e inglês de um texto qualquer.

Colocadas essas considerações e para o esclarecimento metodológico da análise que apresentamos na terceira seção deste artigo, partimos do seguinte questionamento: dado o entendimento de que a tradução não apenas envolve literalidade, quais são alguns dos elementos que podemos encontrar na superfície do livro *Here the whole time* (Martins, 2020), que nos ajudam a perceber diferentes

aspectos a respeito de um processo de tradução literária, dando espaço para a compreensão de formas de procedimentos existentes nesse ato de traduzir?

A partir de tal questionamento, um cenário de discussão se desenha de forma ainda mais objetiva, com um indicativo de vertente sendo apontado e nos permitindo focar em que tipo de tradução está sendo prestigiada na análise que vem tomando forma. Afinal, perceber a natureza do texto e entender as suas demandas trazem implicações quanto à forma de enxergar o material que está sendo visto e como ele precisa tocar o outro lado. Isso, por sua vez, é extremamente necessário ao trabalho do profissional das Letras. Dessa forma, em razão do *corpus* literário selecionado para o estudo acadêmico, o conceito de tradução que escolhemos filia-se à sua categorização, conforme aponta Britto ao dizer que:

[...] tradução literária: é a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada. Isso significa que a tradução literária de um romance deve resultar num romance; a de um poema, num poema. Significa que a tradução de um texto que provoque riso no original deve provocar o riso em seu leitor; que a tradução de um poema cheio de efeitos musicais, como padrões rítmicos e rimas, deve conter efeitos semelhantes ou de algum modo análogos; que a tradução de uma peça teatral que represente fielmente a maneira de falar de pessoas de classe média na cultura de origem deve representar de modo igualmente fiel a maneira de falar de pessoas de classe média na cultura do idioma da tradução. Significa também que a tradução de um texto considerado difícil, espinhoso, idiossincrático e estranho em sua cultura de origem deve ser um texto que provoque as mesmas reações de perplexidade e estranhamento no público da cultura para o qual foi traduzido; e que a tradução de um texto considerado singelo e de fácil leitura pelos leitores da língua-fonte deve resultar num texto que seja encarado como igualmente simples pelos leitores da língua-meta (Britto, 2012, p. 47-48).

Tal visão é um direcionamento que levamos em conta por seu caráter equilibrado e realístico. Não se espera que um texto perca sua essência no processo de traduzir. Para isso, o que o material é em sua proposta categórica inicial se mantém como tal. Além disso, ainda existe o caráter da construção que muitas vezes também importa, e denota sentidos. Atentar-se a isso e buscar trazer ao ponto de vista do leitor-meta uma atmosfera acolhedora e, tanto quanto possível, equiparada à base, ainda que a partir de um escrito surgido em contextos de diferença, é a constante luta do tradutor literário.

Vale lembrar, contudo, que já dentro de um processo de tradução, o que surge nem sempre facilita o estabelecimento das mais absolutas correspondências, mas o

tradutor está sempre em busca daquilo que, em sua concepção profissional, mais importa, tentando tanto quanto possível criar um poema, romance ou o que quer que seja, de forma a considerar um balanceamento entre as demandas de um novo público e os aspectos mais possíveis e necessários de serem trazidos.

Esses processos de tradução, no entanto, não são um “receituário” e nem uma busca pela perfeição (Barbosa, 2020, p. 134), que apresentamos aqui. As categorias exploradas funcionam como tentativas de percepção a partir de fenômenos encontrados em um processo de comparação. As observações e evidências da presença desses elementos em um texto ajudam sobretudo a pensar nos ruídos do processo e nas tomadas de decisão, juntamente com seus reflexos. Todavia, o encontro desses em uma obra não é engessado. São, na verdade, variáveis, assim como cada objeto traduzido ao qual tentam representar. Não existindo, portanto, fórmulas, mas sim um constante desafio de escolhas a partir de itens de pluralidade, que são os textos.

Mediante um processo que começou com a leitura, direcionamo-nos para a reflexão e comparação do nosso corpus de investigação – o livro *Here the whole time* (Martins, 2020), procedemos a um constante retorno de consulta e comparação ao seu material de origem, que é o livro *Quinze dias* (Martins, 2017). Os recortes trazidos na seção três deste trabalho são, portanto, alguns dos exemplos tirados de ambas as representações linguísticas do livro proposto para análise, e que, dentre dezenas de outros trechos, mais se destacaram para a tarefa de terem procedimentos da tradução apontados entre si. Uma primeira versão mais ampla deste texto foi apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Letras: Língua Inglesa e Literaturas, de um dos autores deste artigo.

1 REFLEXÕES SOBRE O ATO DE TRADUZIR

Conexões entre as diversas partes do mundo e entre seus povos tendem a acontecer, e elas se dão em vários níveis, desde geográficos e financeiros até culturais e linguísticos, mas para que isso aconteça existem fatores que trabalham nos bastidores, fazendo com que esses fenômenos de ligação entre grupos se tornem possíveis. Sendo, por exemplo, as criações de histórias e ideias verdadeiras fontes de riquezas produzidas dentro de uma comunidade, em muitos casos fazem-se válidas as propostas para compartilhar tais produções e, em ocasiões como essas,

a escala de distribuição que passa a existir pode até mesmo furar a bolha nacional como um resultado do ímpeto para que seja possível que uma obra literária se torne conhecida em outros países, para além daquele de sua origem.

Nessa empreitada aqui exemplificada, um dos principais fatores que torna possível a exportação de matéria intelectual chama-se tradução. Uma atividade que, por sua vez, é composta de inúmeras práticas que, como um todo, acabam por contribuir para a comunicação entre povos e suas culturas, ainda que em idiomas diferentes. Este ato aqui envolvido e chamado de traduzir é, em verdade, algo bastante recorrente em nossas vidas. Existem, no entanto, aquelas facetas a respeito da área que não são tão popularmente conhecidas e, portanto, isso abre espaço para que aprofundamentos possam ser realizados e isso contribua para que mais pessoas passem a enxergar a atividade da tradução com maior plenitude.

A percepção acerca de um tema muitas vezes tem relação com seu conceito e, a depender do nível de conhecimento de cada um sobre ele, é possível que haja variações. A respeito da tradução, pode existir aquela parcela de indivíduos que a enxergam parcialmente, de forma que sua compreensão não contemple a vasta gama de perspectivas presentes, ao considerarmos a variedade de estudos desenvolvida em torno da área.

O foco não abrangente de visão a respeito das práticas pode ser fator indutor para se pensar a tradução como algo bastante linear, como se cada palavra em uma língua tivesse uma palavra correspondente ao seu significado em outra, e isso bastasse para estabelecer uma tradução. Seria então apenas trocar um signo linguístico por outro similar no idioma desejado e isso, em tese, poderia ser o funcional e o todo necessário para o processo.

Nesse caso, teríamos então textos – o fonte e o já traduzido – com estruturas bastante parecidas e, se os colocássemos lado a lado, de modo a favorecer uma visualização paralela, seria possível identificar cada parte textual, palavra por palavra, e ver esses itens, ainda que de forma isolada, apresentando significados bastante correspondentes. A título de exemplificação, percebamos o que acontece a seguir:

Quadro 1

Você é deslumbrante.	<i>You are gorgeous.</i>
Você → <i>You</i> é → <i>are</i> deslumbrante → <i>gorgeous</i>	

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Vendo essa frase, estamos a presenciar uma forma de estrutura funcional em dois idiomas, tradução perfeitamente literal, passando uma noção de linearidade. Ocasão e efeito que podem perfeitamente acontecer. Mas o que não podemos é jogar para o esquecimento o fato de que nem sempre será assim, afinal, inúmeros fatores contribuem para que essa abordagem nem sempre funcione. Há diferenças a níveis morfológicos, sintáticos e lexicais que entram na equação e ficam evidentes no processo de traduzir. Além de que, sobretudo, as diferenças culturais trazem sua contribuição para a forma como um texto pode ser passado para um determinado grupo, e cada vez mais isso gera um fator oblíquo (Campos, 1986), distanciando assim a estrutura entre os textos e deixando espaço para uma preocupação semântica.

A perspectiva literal não deixa de ter a sua parcela de conexão com o que é o traduzir, mas está longe de ser o suficiente para defini-lo. Inclusive, esse entendimento – que aqui consideramos fracionado a respeito do que é de fato a tradução – tende a criar um fator de expectativa bastante modelado. O que uma pessoa espera ver em um texto novo – que é resultante da tradução – pode, na verdade, representar apenas um dos aspectos do que de fato envolve o seu produzir.

É perfeitamente plausível esperar ver correspondências literais entre palavras ao considerar determinados textos em dois diferentes idiomas, mas o que acaba sendo enganoso, e potencialmente nocivo a esse desenvolvimento de concepção, é o ato de pôr o texto fonte em um pedestal (Aubert, 1993, p. 53), como algo exacerbadamente prioritário, e com isso condenar uma tradução devido a alguns de seus aspectos de realidade, que surgem quando essa nova produção expressa o entendimento para com o seu novo público, por ser fruto do trabalho de um tradutor que leva sua ação principalmente nesse sentido.

É preciso apontar a verdade aprofundada acerca desse processo que a tradução traz consigo. No fim das contas temos um contato cultural que levanta a forte necessidade de contextualização. Em verdade, o foco não é o texto. O traduzir é feito visando alguém, e essa consideração estrutural tem seu espaço, que é realmente importante, mas o que não pode jamais ser deixado no esquecimento é o fato de que, como bem nos lembra Campos (1986, p. 27), a tradução não é feita de uma língua para outra, mas sim de uma cultura para outra.

Quando esse ponto é levantado, o foco não é descreditar a forma de escrita e a linearidade inerente a algumas traduções. O objetivo é lembrar que a conexão que se busca estabelecer é dependente de uma série de observações de público. O autor cria a obra com suas palavras, expressões e, através delas, sua mensagem é expressada e desperta algum tipo de interpretação na mente de seu público alvo. O que garante, no entanto, que meramente traduzir palavra por palavra vai proporcionar uma reação digna em um novo público quando uma tradução vier a existir?

É nessa “tecla” que Nida & Taber (1982) tocam quando falam sobre uma mudança no teor de conceituação da tradução. A respeito do assunto, os autores dizem:

The older focus in translation was the form of the message [...] The new focus, however, has shifted from the form of the message to the response of receptor. Therefore, what one must determine is the response of the receptor to the translated message. This response must then be compared with the way in which the original receptors presumably reacted to the message when it was given in its original setting (Nida; Taber, 1982, p. 1)¹.

Assim como um leitor que consome uma obra nativa de sua língua de origem pode experimentar sensações trazidas pelas mensagens do texto, um falante de outra língua também o pode, através de uma tradução. Isso, no entanto, requer um tradutor que conheça não apenas a cultura do idioma de partida, mas também possua profundo entendimento da cultura relacionada ao local de chegada deste novo objeto. O tradutor precisa conhecer bem a língua de chegada, a cultura e

¹ “O antigo foco na tradução era a forma da mensagem [...] O novo foco, no entanto, mudou da forma da mensagem para a reação do receptor. Portanto, o que se deve determinar é a reação do receptor para com a mensagem traduzida. Essa reação deve então ser comparada com o modo como os receptores originais supostamente reagiram à mensagem quando esta lhes foi dada no seu formato original” (Nida; Taber, 1982, p. 1, *tradução nossa*).

costumes do povo que a fala, para que a partir disso desenvolva um trabalho que traga à tona a consciência de que povos diferentes expressam suas ideias de formas diferentes.

O que é considerado uma correspondência, portanto, pode não ser encontrado em uma forma de tradução literal, mas sim em uma obliquidade, que nada mais é que a não linearidade, algo também presente no processo de traduzir e que, em diversos momentos, acaba se provando concreto. Desse modo, para fins ilustrativos, tomando por inspiração o exemplo no início do parágrafo anterior, não soa plausível que, assim como aquele consumidor primário da obra original, o leitor de número um, que tem sua necessidade contemplada, o segundo leitor presente nesse cenário figurativo, que é o consumidor de uma tradução, também possa ter o seu ponto de vista sendo prestigiado a tal nível que, quando pertinente, sua mensagem seja trabalhada para a sua própria realidade cultural?

Para responder a essa pergunta, vamos pôr em jogo um exemplo relacionado ao nosso próprio contexto. No Brasil, de modo geral, fazemos uso da língua portuguesa, e em nossa cultura não é incomum que indivíduos usem a expressão “pode tirar o cavalinho da chuva” quando desejam indicar que um fato tem possibilidade remota de acontecer ou que não tem qualquer chance e deve ser esquecido por um segundo participante do diálogo. Vejamos o seguinte exemplo fictício de tradução de uma frase com a expressão:

Quadro 2

Você quer que eu te ajude, Mas <u>pode tirar o cavalinho da chuva.</u>	→	<i>You want me to help you, But <u>take the little horse out of the rain.</u></i>
---	---	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Nesse caso é perceptível a presença da tentativa forçada de utilizar os mesmos elementos da fonte. Um falante de língua inglesa, dentro de seu contexto cultural, não tem acesso a essa expressão da forma que aqui foi apresentada. Tentar se aproveitar das informações isoladas e pô-las em uma nova estrutura linguística sem avaliar os seus possíveis efeitos é um grande erro.

Essa exemplificação parece no primeiro momento mostrar que a língua inglesa não consegue expressar tal forma de recusa, mas esse definitivamente não é o caso.

Cada idioma tem sua forma de expressar ideias e, no inglês, a semântica da expressão apresentada pode ser utilizada da seguinte maneira:

Quadro 3

Você quer que eu te ajude, Mas <u>pode tirar o cavalinho da chuva.</u>	→	<i>You want me to help you, But <u>don't hold your breath.</u></i>
---	---	--

Fo Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Notemos que, embora as palavras “cavalinho” e “chuva” não sejam mencionadas na tradução, a mensagem completa existe. Aguardar em expectativa é algo que o usuário de ambas as expressões não incentiva. Ao dizer para um brasileiro que tirar seu cavalo – que também serve como meio de transporte – do espaço chuvoso é o mais aconselhável, a mensagem subentendida é a de que o aguardo será longo e possivelmente interminável, resultando em uma má experiência para o animal. Da mesma forma, um falante de língua inglesa, em sua ansiedade para que algo aconteça, pode em resposta receber uma mensagem que diz para ele não segurar a respiração no andamento, pois as expectativas de retorno são baixíssimas e, como já imaginamos, executar esse ato restritivamente respiratório no processo de espera não resultaria em um acontecimento agradável.

As formas de contar uma história podem apresentar algum impacto aparentemente divergente no primeiro momento, mas ao analisar o que está envolvido em realmente traduzir, pode ser surpreendente perceber o quanto algumas escolhas são válidas em prol da contextualização ao novo leitor. Isso pode resultar em um maior volume de interpretações, uma melhor fonte para identificação e, conseqüentemente, fazer com que mais pessoas ouçam a respeito e desejem consumir aquele determinado conteúdo que, por ter sido feito focando um novo público, conversa bem melhor com essa comunidade. Assim, então, é válida a versão da pergunta feita anteriormente: é razoável que a realidade cultural seja um fator a se considerar no processo da tradução, trazendo o ponto de vista para ser tratado como relevante ao trabalho que surgirá?

A resposta para tal questão é evidente e positiva. Dentro de uma preocupação quanto à mensagem expressada existe também espaço para que, tanto quanto razoavelmente se mostre possível, esta seja contada de uma forma própria ao meio.

Buscando, finalmente, causar ao público uma sensação de familiaridade onde, sim, este novo grupo pode até estar vendo o texto originado em uma outra cultura, mas suas mensagens são apresentadas de uma forma inclusiva, o que envolve o fazer da tradução.

Para isso, no entanto, a expertise do profissional da tradução é imprescindível, uma vez que ele estará constantemente confrontando os aspectos linguísticos e culturais envolvidos em seu trabalho, tomando decisões (Arrojo, 2007) para contornar enxurradas de ruídos, ou seja, aquilo que pode comprometer a recepção da mensagem e que pode estar presente em uma tradução (Campos, 1986), dificultando o processo que visa estabelecer uma ponte para o ato de comunicar.

Trabalhar com tradução é, portanto, uma tarefa de constante reflexão, em que referências existem e são checadas, coincidências estilísticas têm seu espaço, mas o principal foco será estabelecer uma visão do significado tentando se pôr na ótica do novo público-alvo. Assim a semântica pode ser trabalhada da forma mais adequada para tentar aproximar as produções na devida medida, sendo sempre alinhada ao leitor vigente, pois o contexto é, verdadeiramente, um aspecto de suma importância.

Estes pontos colocados aqui são uma forma de chamar a atenção para o fato de que a tradução tem um espaço mais profundo. Ela possui aspectos que em alguns casos não são vistos, mas ao alargar nosso campo de visão quanto a essa forma de arte, um novo horizonte envolvendo tal prática torna-se acessível e, por sua vez, isso ajuda os interessados a desenvolverem um nível de entendimento quanto a um novo assunto que não é alheio a sua própria existência, mas sim um elemento extremamente presente na contemporaneidade e que, em algum momento e em dado nível, beneficia a muitos. A proposta e, principalmente, os meios como a tradução se dá acabam por criar novas percepções quanto ao próprio idioma fonte e o idioma alvo no processo em andamento, e é justamente isso o que veremos, em parte, na terceira seção deste artigo, a seguir.

2 ASPECTOS ESTRUTURAIS DA TRADUÇÃO EM *HERE THE WHOLE TIME*

Os trechos seguintes se referem a cenas de momentos semelhantes, porém em versões diferentes – inglês e português – da obra *Here the whole time* (2020), de Vitor Martins, e sua contraparte original, o livro *Quinze dias* (2017), logicamente do mesmo autor. Através da observação de fenômenos da tradução em trechos desse(s) livro(s), fizemos alguns destaques, recortando-os e os organizando em

tabelas, fragmentos em língua inglesa que serão utilizados aqui lado a lado com trechos do livro *Quinze Dias* (Martins, 2017) para, novamente, pontuarmos procedimentos que constantemente estão envolvidos em processos de tradução, especificamente, neste artigo/seção, sobre aspectos estruturais dessa obra traduzida.

Quadro 4

<p>“— Bom dia. Tem tinta no queixo. Mas tá linda mesmo assim — eu respondo <u>com pressa</u> enquanto como um sanduíche de queijo e procuro minhas chaves”. (Martins, 2017, p. 9)</p>	→	<p>“<i>Good morning. You have paint on your chin. But you look beautiful, anyway, I say <u>hurriedly</u> as I grab a cheese sandwich and look for my keys”.</i> (Martins, 2020, p. 3)</p>
---	---	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

A partir do primeiro conjunto de frases elencadas abaixo, podemos perceber efeitos na categoria gramatical que por vezes ocorre no processo tradutório, o fenômeno que aqui chamamos de transposição. Nos fragmentos em destaque, podemos observar a presença sutil desse procedimento, sem que haja qualquer prejuízo à constituição dos sentidos.

No primeiro exemplo dado temos uma locução adverbial sublinhada. Esse elemento é composto pela preposição “com”, seguida do substantivo “pressa”, que conjugados, trazem um sentido que se aplica a algo, intensificando o tom de urgência. Nesse caso, o elemento modificado é a forma verbal “respondo”, que passa a expressar a ideia de uma fala com projeção veloz em seu ritmo.

Esse mesmo efeito é recuperado quando a produção em língua inglesa tem seu espaço. No entanto, dessa vez o que antes era uma construção com duas palavras, tem seu sentido executado através de um único elemento lexical, que é o advérbio “hurriedly”. Em ambos os casos o efeito é trazido para o elemento verbal que o precede, mas esse sutil nível de mudança no perfil categórico de elementos, indo de locução adverbial a advérbio, nos permite entender que o sentido foi transposto para a outra língua, como uma consequência do processo de tradução.

Indo para além de termos isolados, partes mais extensas de um discurso podem também sofrer mudanças que afetem a nível visual, mas, semanticamente – quando se considera o resultado interpretativo para o enredo – torna-se possível julgar uma semelhança de mensagem. Em casos assim, é possível ver uma modulação na estrutura. Os exemplos com sublinhados a seguir nos mostram isso dentro da trama do livro:

Quadro 5

<p>“[...] Sento no chão porque parece o certo a fazer. Nosso sofá florido foi a cama de Caio na última noite e não quero que ele <u>pense que estou invadindo seu espaço</u> [...]”. (Martins, 2017, p. 25)</p>	<p>→</p>	<p>“[...] <i>I’m sitting on the floor because it feels like the kind thing to do. Our floral couch was Caio’s bed last night, and I don’t want him to <u>feel like I’m not respecting his space</u> [...]”. (Martins, 2020, p. 27)</i></p>
---	----------	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Nos pontos chave desses trechos temos tanto uma troca de verbos, quanto uma troca de forma. A palavra “invadindo” cedeu espaço para “respecting”, bem como “feel” tomou o lugar de “pense”. Palavras que em diferentes contextos podem resultar em distintas interpretações. Aqui, no entanto, como percebemos, o resultado interpretativo conjunto é o mesmo.

Para além dessas substituições, tivemos um movimento do trecho em destaque, que antes era afirmativo e na versão inglesa recebeu status de negação. Esses aspectos, no entanto, não irão moldar o sentido, no enredo, de forma a desvirtuá-lo. Muito pelo contrário, pois a visível intenção em ambas as frentes é passar a ideia de que o personagem reflete acerca do seu possível ato e das consequências, na percepção de um outro indivíduo.

Tal leitura nos deixa ver que uma visão aponta para a outra. No contexto, o que pode se sentir envolve também um pensamento interpretativo da situação. Ademais, invadir é o mesmo que não respeitar, e, por sua vez, esse desrespeito pode ser mostrado em forma de invasão territorial. Logo, se um reflete o outro e

ambos apontam no mesmo sentido, com diferentes posturas, o produto desse fragmento é um objeto modulado.

É possível ainda encontrar no livro trechos que concatenam informações em um espaço menor de caracteres. O que contribui para uma estrutura reduzida do corpo textual, por funcionar como um efeito de condensação dos dados apresentados. É o que ocorre a seguir:

Quadro 6

<p>“— Quer dizer então que você é o tipo de pessoa que gosta mais do filme do que do livro? — Caio diz com um tom julgador (<u>só que de brincadeira</u>)”. (Martins, 2017, p. 39)</p>	<p>→</p> <p>“So you’re the kind of person who likes the movie better than the book?’ Caio asks with <u>mock judgment</u> in his voice”. (Martins, 2020, p. 47)</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

O foco no recorte em destaque leva ao efeito de simplificação. Como pode ser observado na última linha do exemplo em língua portuguesa, o trecho se conclui estabelecendo uma extensão perceptiva acerca do elaborado de fala imediatamente anterior. O personagem da cena externa uma pergunta que pode passar a ser vista como um discurso de julgamento. Isso, no entanto, pode ser aliado a recursos vocais, como a entonação, para aplicar efeitos que impactem na percepção de um ouvinte.

Em termos de leitura, naturalmente a vocalização não é algo proporcionado pelo escrito. Ainda assim, recursos de escrita podem ser utilizados para guiar a mente do leitor a compreender esses efeitos e trabalhar sua interpretação e imaginação a ponto de entender que o diálogo estabelecido traz algo mais.

Nesse momento da história o interlocutor não está criticando com aspereza, mas sim utilizando aspectos apresentados para levantar um questionamento que traga potencial argumentativo para aquele momento de interação. Para tanto, ele faz isso de modo a estabelecer um ar relativamente cômico na conversa. Por sua vez, o conjunto de elementos utilizados em português para modelar a atmosfera do

contexto se encontra entre parênteses, deixando claro que a fala tem caracterização que pende para “brincadeirainha” em seu aspecto intencional.

No total, em língua portuguesa, quatro palavras são utilizadas para construir adequadamente essa percepção acerca do que foi declarado. Esses elementos estão postos de forma quase que externa à linha pós fala, uma vez que esse trecho final, ainda que envolvido, vem entre caracteres especiais que indicam um comentário extra.

Quando nos atentamos para a versão de língua inglesa, no entanto, a existência de informações reunidas entre parênteses não é notada. Com esse resultado perceptivo, ao buscar na construção algo que transmita o sentido trabalhado no material base, percebemos sem muito esforço que o termo “mock” – mesmo consistindo em apenas uma palavra e estando posicionado em uma parte quase que central da oração – é que agora carrega, de modo condensado, a função modeladora que antes era distribuída entre vários elementos, pois o seu sentido aqui é justamente o de apontar a não autenticidade de intenções depreciativas por parte do falante.

Na obra em análise, também é possível encontrarmos o oposto desse procedimento, quando o que era menor em extensão estrutural se alarga em comparação a um primeiro estado, podendo ser nomeado de amplificação. O seguinte recorte do livro ilustra esse processo, através de um trecho curto, porém efetivo:

Quadro 7

<p>“— Quer dizer então que você é o tipo de pessoa que gosta mais do filme do que do livro? — Caio diz com um tom julgador (<u>só que de brincadeirainha</u>)”. (Martins, 2017, p. 39)</p>	<p>→</p> <p>“So you’re the kind of person who likes the movie better than the book?” Caio asks with <u>mock</u> judgment in his voice”. (Martins, 2020, p. 47)</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

O foco no recorte em destaque leva ao efeito de simplificação. Como pode ser observado na última linha do exemplo em língua portuguesa, o trecho se conclui

estabelecendo uma extensão perceptiva acerca do elaborado de fala imediatamente anterior. O personagem da cena externa uma pergunta que pode passar a ser vista como um discurso de julgamento. Isso, no entanto, pode ser aliado a recursos vocais, como a entonação, para aplicar efeitos que impactem na percepção de um ouvinte.

Em termos de leitura, naturalmente a vocalização não é algo proporcionado pelo escrito. Ainda assim, recursos de escrita podem ser utilizados para guiar a mente do leitor a compreender esses efeitos e trabalhar sua interpretação e imaginação a ponto de entender que o diálogo estabelecido traz algo mais.

Nesse momento da história o interlocutor não está criticando com aspereza, mas sim utilizando aspectos apresentados para levantar um questionamento que traga potencial argumentativo para aquele momento de interação. Para tanto, ele faz isso de modo a estabelecer um ar relativamente cômico na conversa. Por sua vez, o conjunto de elementos utilizados em português para modelar a atmosfera do contexto se encontra entre parênteses, deixando claro que a fala tem caracterização que pende para “brincadeirainha” em seu aspecto intencional.

No total, em língua portuguesa, quatro palavras são utilizadas para construir adequadamente essa percepção acerca do que foi declarado. Esses elementos estão postos de forma quase que externa à linha pós fala, uma vez que esse trecho final, ainda que envolvido, vem entre caracteres especiais que indicam um comentário extra.

Quando nos atentamos para a versão de língua inglesa, no entanto, a existência de informações reunidas entre parênteses não é notada. Com esse resultado perceptivo, ao buscar na construção algo que transmita o sentido trabalhado no material base, percebemos sem muito esforço que o termo “mock” – mesmo consistindo em apenas uma palavra e estando posicionado em uma parte quase que central da oração – é que agora carrega, de modo condensado, a função modeladora que antes era distribuída entre vários elementos, pois o seu sentido aqui é justamente o de apontar a não autenticidade de intenções depreciativas por parte do falante.

Na obra em análise, também é possível encontrarmos o oposto desse procedimento, quando o que era menor em extensão estrutural se alarga em comparação a um primeiro estado, podendo ser nomeado de amplificação. O

seguinte recorte do livro ilustra esse processo, através de um trecho curto, porém efetivo:

Quadro 8

“[...] <u>Saio</u> do quarto [...]”. (Martins, 2017, p. 32)	→	“[...] <u>I walk out</u> of my bedroom [...]”. (Martins, 2020, p. 37)
--	---	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

O que é apresentado nesta totalidade da versão brasileira é uma construção de três palavras. Mais especificamente, e de modo destacado, acima temos o verbo “saio” que dá início ao recorte. O que está envolvido em seu sentido, no entanto, é melhor percebido quando notamos o que a tradução originou. Quase como se o objeto – que aqui é a palavra – tivesse sido destrinchado e assim dado existência as três partições da versão estrangeira.

Na cena temos um personagem que narra sua ação atual. Esse momento envolve deixar um recinto, mas dizer isso traz ao menos três aspectos que em inglês são representados justamente por três palavras. Iniciando de forma mais central, temos a ação de se locomover, que neste caso é em caminhada. Por essa razão, o que se apresenta na nova versão é a palavra “walk”.

Para além disso, o movimento acontece em algum sentido, e observando o que foi construído na versão base, podemos claramente dizer que esse ato vai em direção a um espaço externo. Tal representação do significado é expressada ao complementar o texto com a palavra “out”, gerando assim um *phrasal verb*², que se aproxima ainda mais do sentido que precisa ser transmitido.

Por fim, há ainda a necessidade de determinar um esclarecimento quanto ao praticante da ação. Com isso, percebendo a conjugação do verbo na versão em português, fica claro que, embora não esteja visível na superfície textual através de um pronome ou substantivo, o sujeito da ação pertence à posição de primeira pessoa do singular. Esse efeito oculto é comum no português, mas evitado em

² A união de um verbo com uma (ou mais) preposição ou advérbio, proporcionando um retrabalho da significação.

inglês, o que faz com que na versão traduzida o pronome “I” esteja visivelmente presente.

O resultado é, então, um conjunto trazido por um efeito amplificador da estrutura textual. No entanto, em ambos os lados das versões, embora com extensões diferentes de caracteres, temos uma mesma base de sentidos. O que nos traz a visão de um personagem que fala de si mesmo, contando sua presente ação de movimentar-se em sentido externo à sua localização atual.

Finalmente, quando elementos trazem uma carga muito própria e difícil de ser expressada de forma objetiva através de outro termo, para solucionar a situação, pode ocorrer uma transferência, também chamada de empréstimo, como é o caso do exemplo abaixo. Contudo, para além disso, existem casos em que uma carga de informação extra, que chamamos de explicação, pode ser trabalhada para melhor contextualizar aquele objeto. No livro em análise temos:

Quadro 9

<p>“[...] eu não fico surpreso quando Caio me diz que hoje vamos a uma <u>fest junina</u>”. (Martins, 2017, p. 111)</p>	<p>→</p> <p><i>“[...] I’m not all surprised when Caio tells me we’re going to a <u>Festa Junina</u>. <u>If you’re not familiar, Festa Junina is a nationwide tradition in Brazil that celebrates the harvest. There are parties and festivals all throughout the month of June, and everyone dresses up in country-style costumes and eats all kinds of delicious food</u>”.</i> (Martins, 2020, p. 146)</p>
---	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Ao menos três considerações podem ser feitas a partir desses recortes. A primeira refere-se ao nome da festividade presente em ambas as versões. Sabemos que a Festa Junina é um costume bastante típico entre muitos brasileiros. Isso pode refletir tanto na forma de vivência de algumas pessoas, de modo a fazer com que exista uma atividade participativa em espaços com eventos assim, ou ainda pela forma de consciência, por não exatamente estar dentro dos ambientes de comemoração, mas saber que eles existem, sentir seus efeitos sociais, econômicos e culturais no período do ano em que isso ocorre, além de compreender exatamente o que está envolvido nesse momento.

Qualquer que seja o perfil do envolvimento, sendo brasileiro, fato é que o indivíduo muito provavelmente conhece esse costume anual. Por outro lado, fora do Brasil, a depender do local, esse costume pode ser bastante desconhecido. Indo ainda mais a fundo, pode ser que indivíduos de uma outra cultura nem sequer tenham uma fácil titulação que corresponda ao evento brasileiro, dificultando a tradução em padrões literais. Para casos assim, uma transferência se mostra plausível.

Isso é justamente o que acontece no exemplar em análise, pois é nítida a necessidade da tradutora em mostrar aquele elemento cultural, e isso resulta em sua decisão de transferir, de forma bastante direta, à maneira como comunicamos quando em referência a essa festividade. Nesse fragmento não vemos ser dito “Junina Party” ou “Junina Celebration” ou ainda “Junino Festival”. O que é empregado é o termo “Festa Junina”, que claramente é a referência titular completa praticada por brasileiros.

Isso, no entanto, nos leva para um segundo ponto de consideração. A decisão de retirada da referência ao mês de ocorrência. Como podemos acompanhar no trecho de língua portuguesa, a escrita usada primariamente é “festa *junina*”, e isso, conforme trabalhado um pouco mais à frente na história do livro, se dá pelo fato de a festa não estar sendo realizada no sexto mês do ano, como é de costume, mas sim no sétimo. Logo, o mês de julho é diretamente referenciado ao mencionar aquela festividade na cena em específico.

Para leitores estrangeiros, no entanto, devemos lembrar que, por si só, os trechos em língua portuguesa já devem causar estranhamento, e possivelmente confusão, já que, como mencionado anteriormente, não são todas as culturas que conhecem essa prática. Sabendo disso, já é um exercício de esforço trazer para a mente do novo leitor esse apego à percepção do objeto como algo a se imaginar a partir daquela leitura.

Fazer isso e ainda demandar que eles entendam uma segunda informação incorporada à principal seria ainda mais custoso. Dessa maneira, nesse primeiro momento a informação referente ao mês parece ter sido removida do contexto. Todavia, devemos apontar que, em posição semelhante em relação a versão brasileira, no parágrafo seguinte o leitor logo recebe o informe quanto ao cenário periódico da festividade ao qual os personagens se referem. Sendo assim, inicialmente a referência se foi, mas para termos de enredo, o entendimento e a

construção no imaginário levam à mesma direção, e, neste caso, por apresentar ao leitor – que possivelmente nunca ouviu falar dessa comemoração – uma forma base, tal como é comumente nomeada no Brasil.

Por fim, como terceira consideração, existe a clara distinção de extensão no parágrafo em recorte. Essa parte é evidente como um processo de explicação que vem para sanar qualquer tipo de questionamento inicial que o leitor possa ter a respeito do termo, que para eles pertence ao exterior. Uma contextualização válida para, na medida do possível, equilibrar as recepções de leitores estrangeiros em relação a dos leitores brasileiros, e que foi satisfatoriamente realizada dentro do universo de possibilidades relativas à trama, pois a tradutora se vale do recurso de personalidade do protagonista para trazer esse arranjo.

Felipe é não apenas o personagem principal da obra, mas também o próprio ponto de vista e fornecedor de informações ao longo da história. Fazer breves inserções de dados na narrativa, em meio a diálogos, é exatamente o que o personagem costuma fazer. Sendo assim, ao realizar essa movimentação para explicar o fenômeno das festas juninas, ao novo texto é conferido uma gama informativa que, mais do que interessante, pode ser considerada até mesmo essencial para a boa leitura do novo público, e tudo é bem desempenhado, pois o novo texto ficou bastante fluído, assegurando um ar de naturalidade para a produção em língua inglesa.

Esses são alguns dos trechos encontrados ao longo da obra que transparecem modalidades de procedimentos de tradução mais voltadas para a estrutura do objeto textual. Ao longo do livro, exemplos assim podem ser observados e isso nos ajuda a entender melhor algumas transformações por vezes não tão literais. Aspectos que, no primeiro olhar, podem parecer conflitantes, mas, em verdade, são meras consequências do processo de traduzir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma o estudo das literaturas infantojuvenis pela perspectiva da representação do personagem negro me possibilitou novos olhares acerca das temáticas étnico-raciais em duas diferentes dimensões, pois o espaço escolar é permeado através das diversidades culturais que interagem nesse território. Assim sendo o respeito e a valorização das diferenças culturais precisa ser debatidas para não ocorrer situações de preconceito, racismo ou discriminação.

Os elementos que pontuamos ao examinarmos algumas das perceptíveis aplicações de elementos envolvidos na prática de tradução, que tomou por objeto o livro em língua inglesa chamado *Here the whole time* (Martins, 2020), resultou na percepção de que uma obra brasileira intitulada de *Quinze dias* (Martins, 2017) se converteu em uma versão internacional, que estendeu seus objetivos de contar uma história já apresentada no material base. Tal processo abarcou aspectos de obliquidade, abertura criativa e perspectiva para a compreensão de novos leitores.

A pesquisa partiu daí, em um processo de checagem em que trouxemos fragmentos do livro de ambas as versões linguísticas – português e inglês – organizados paralelamente, em tabelas. Um processo de análise de tal natureza revela o que a tradução traz e o que pode ser contado através de seu produto. Um processo vivo se constata, porque não são sempre ao pé da letra os encontros nas observações paralelas.

Logo, não se tratando de algo completamente literal, mas sim feito a partir da leitura do tradutor e de seu julgamento, que trata de levar, tanto quanto possível, as experiências e sensações do texto base de um lado ao outro. Isso, por sua vez, é feito mediante compreensão de que o processo criativo se dá ao longo das fases do texto, e com o entendimento de que um novo público irá consumi-lo, com perspectivas diferentes, que devem ser bem entendidas e utilizadas pelo profissional tradutor, para guiar a sua produção na empreitada de fazer essa peça textual.

Em meio a tais processos, os procedimentos apresentados e considerados ao longo do trabalho nos revelaram essas movimentações, indicando como, em alguns casos, o resultado é algo bastante direto, mas em outros acaba sendo bastante variado em decisões, direções e efeitos. Na decisão do profissional de traduzir palavra por palavra, por exemplo, existe uma parcela de verdade, mas também uma armadilha. O fato de que isso está englobado no que significa um processo maior tornou pertinente e necessária uma proposta de apresentação de vertentes não tão comumente vistas em holofotes. Isso aponta para o fato de que, como existem muitos âmbitos para onde vai o traduzir, existem aspectos que podem ser levados em consideração de acordo com a natureza do projeto de tradução.

Dentro do nicho de tradução literária, os procedimentos analisados neste artigo são algumas das facetas possíveis a se considerar, e isso já mostra a complexidade do processo de traduzir. A prática de tradução engloba lidar com as obliquidades que se apresentam por fatores que vão desde aspectos mais estruturais

surgidos a partir das distinções entre sistemas linguísticos, passando pelas formas como os indivíduos compreendem suas expressões e pode ir até o auge criativo, que envolve referenciar aspectos da obra na língua de partida através de outras perspectivas válidas na língua alvo, para o novo público leitor da obra.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

AUBERT, Francis Henrik. **As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2020.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, Geir. **O que é Tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHAL, Tania Franco. A Tradução Literária. **Organon: Tradução literária em exercício**, Porto Alegre, UFRGS, v. 7, n. 20, p. 47-52, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39381>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Vitor. **Here the whole time**. Trad. Larissa Helena. New York: PUSH, 2020.

MARTINS, Vitor. **Quinze dias**. São Paulo: Globo Alt, 2017.

NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. **The theory and practice of translation**. Leiden: E.J. Brill, 1982.

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. Trad. Rodrigo Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Sobre os autores

Antonio Carlos Santos da Silva Júnior

Graduado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Contato: antonyo.saj@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-8622-7934>

Adelino Pereira dos Santos

Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia - UFBA

Contato: adesantos@uneb.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9920-3649>

Alyxandra Gomes Nunes

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia - UFBA

Contato: alynunes@uneb.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5043-4673>

Artigo recebido em: 30 de setembro de 2023.

Artigo aceito em: 17 de outubro de 2023.